

VALTER JOSÉ

Greatful Dead

TRIBUTO A JERRY GARCIA

*“La vida es
en si misma
y siempre un
naufragio”
(Jose Ortega
y Gasset).*

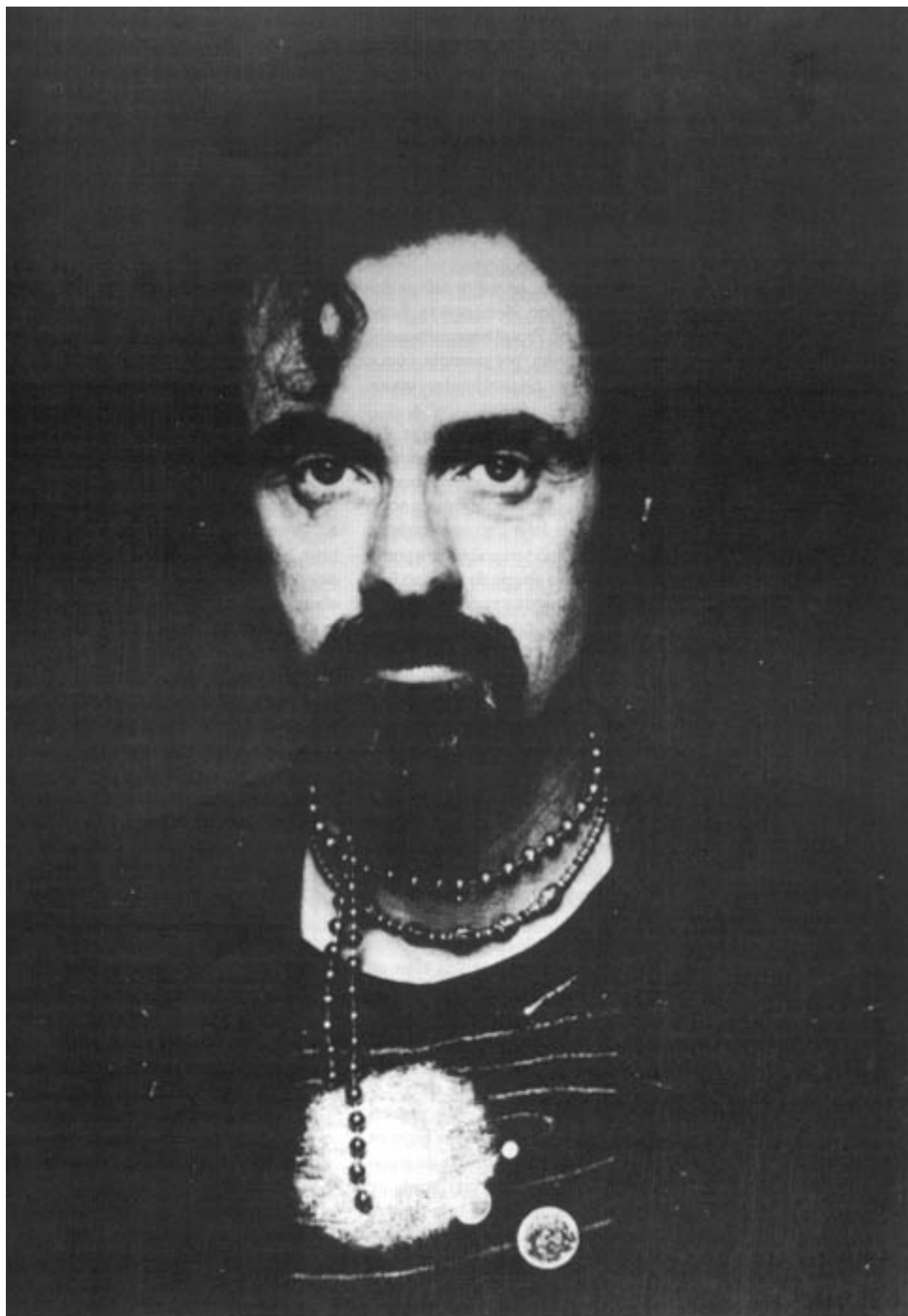
T. Coraghessan Boyle é um escritor norte-americano, cuja imagem reproduzida na mídia propaga o mesmo vigor de seus livros. À primeira vista, o cultivo da imagem pública nunca foi novidade. Em seu tempo, Hemingway deixava-se fotografar pescando, caçando e exercendo todas as ardentes atividades

viris. Para fazer dos seus leitores fãs de um ídolo-escriptor, que parecia ironizar os beletistas amantes do isolamento e dos quartos fechados. Dois elementos que ajudaram a construir a biografia de Marcel Proust, e a atmosfera romanesca que teceu a escritura do *Em Busca do Tempo Perdido*.

Proust era também muito ativo no cultivo da imagem pública. Antes da merecida fama, gostava de posar para os retratistas imitando a elegância e a flor na lapela de Maurice Barres, o herói intelectual francês da época. Mas depois de receber o Prêmio Gongourt, eternizou os próprios olhos mortiços, o bigode de

VALTER JOSÉ é doutorando em Filosofia Moderna na FFLCH-USP.

Oriente, Oriente, 1991, e *Dr. Kellog e a Guerra dos Sucrilhos*, 1995, de T. Coraghessan Boyle. Ambos editados pela Companhia das Letras.



mandarim e os bastos cabelos negros e sarracenos, em imagens que eternizaram sua iconografia.

Se se comparar os retratos de Hemingway e Proust com os de T. Coraghessan Boyle será possível estabelecer uma diferença essencial. Os dois primeiros criaram identidades claras e muito bem definidas. Tanto que foram capazes de transformar suas faces em bustos erguidos sobre a força e a qualidade de suas obras, completando-as.

Em outras palavras, os traços faciais dos dois faziam com que Hemingway fosse Hemingway e Proust, Proust e ninguém mais. O que se passa também, por exemplo, com o excelente Paul Auster. Só para lembrar um escritor atual.

As fotos de T. Coraghessan Boyle produzem, sob o ponto de vista da imagem, as mesmas impressões que os sons samplerizados. Em que é possível colar sons de música árabe e africana a solos de John Coltrane e samba, por exemplo. E mesmo assim abre-se a possibilidade da dança pela alegria do ritmo ao fundo, que dá a tudo simetria e racionalidade estética.

A imagem do autor de *Oriente, Oriente* é ainda uma colagem de outras imagens, outras fotos, criando um conjunto simétrico com o seu incrível número de sugestões.

Logo à primeira vista, Coraghessan é Dave Stewart, não o atual, preocupado com o *revival* da *soul music* dos anos 60, mas o Dave Stewart guitarrista e ex-feliz esposo da maravilhosa Annie Lennox com quem formou a dupla Eurithmics na década de 80 — e que se vestia bem ao estilo *guitar-heroes*, amantes das me-lhores loiras.

E Coraghessan Boyle é também o jovem Jerry Garcia (morto recentemente), líder do grupo Greatful Dead e ainda líder espiritual dos anos 60, um mestre no uso do LSD e das experimentações roqueiras. Uma das grandes personalidades lisérgicas que criavam muitos climas de satisfação e retraimento.

Entretanto o autor de *Dr. Kellog* poderia ser possivelmente um desses jovens músicos que na década de 70 foram *sideman* do grupo do engenheiro e músico de jazz Anthony Braxton (não confundir com a bela cantora Toni Braxton), em uma pose para a revista *Down Beat*.

E se o observador prestar atenção apenas ao cavanhaque e aos olhos astutos, terá diante

dos olhos, além de Paul Norman (prolífico diretor de filmes pornô), também Martin Scorsese, que dirigiu (além de *Taxi Driver*) *O Rei da Comédia*, em que Robert De Niro transforma o fracasso de sua vida em um engraçado *script* para um bem sucedido programa de televisão.

Esta imagem construída em pequenos módulos de figuras desencontradas e paradoxais — pelo menos para quem já está acostumado com uma determinada postura correta para um literato competente — não esconde um certo artificialismo pop, ou pelo menos mostra um padrão de elegância de quem é novaiorquino e tem pendor para a sátira.

Coraghessan utiliza sua imagem como ponto de partida para que o leitor, no primeiro manuseio do livro, tenha na figura do autor (em tudo aquilo que ela sugere) uma promessa de felicidade (a expressão é de Stendhal).

Os dois livros lançados no Brasil mostram aos leitores que T. Coraghessan Boyle tem estirpe. Não se deixou influenciar pelos elogios da crítica especializada. Não fez questão nenhuma em seguir um padrão determinado para se tornar um *best-seller*.

Se há alguma substância comum em suas obras, é o virtuosismo e maestria com a linguagem. A capacidade em pintar heroínas sensuais e contraditórias, e a sensibilidade para situações cômicas e constrangedoras.

Entretanto é no humor que Coraghessan Boyle mostra a excelência de sua técnica literária, demonstrando também enorme conhecimento dos mestres (principalmente os franceses). Pelo menos, como sugere este trecho:

“Agora, senhorita Muntz, começou o doutor, perdendo por um momento o fio do pensamento ao ver que ela era bem mais alta que ele, mas ele preferiria ter escolhido alguém com um fêmur menor, puta vida. Hesitou por um instante, atipicamente e repetiu: Senhorita Muntz, senhorita Muntz, gostaria que examinasse as amostras nos dois microscópios idênticos e nos descrevesse o que vê. Lembro que apenas o doutor Linniman sabe qual das amostras pertenceu ao filé da senhora Tindermensch, e qual... bem..., (risos na platéia),... e qual é o excremento de um animal muito similar àquele sacrificado para os prazeres corruptos dos *gourmands* da taverna Post” (*Dr. Kellog e a Guerra dos Sucrilhos*, p. 22).

O uso discreto das reticências e vírgulas faz lembrar Céline, assim como a estilização da fala dos personagens que exprimem autoridade faz lembrar a aula de Cosmologia do professor Aristarco em *O Ateneu*, de Raul Pompéia, capaz também de assimilar estilisticamente a retórica dos representantes do poder e do saber vigentes.

Portanto a intenção do autor de *Dr. Kellog e a Guerra dos Sucrilhos* não é simplesmente a sátira e a paródia, que muitas vezes do riso que provoca no leitor são suas únicas finalidades.

O humor em Coraghessan é o resultado do seguinte acontecimento totalizador: o embate de seres e elementos que vivem em perpétuo conflito e movimento. Seres e elementos desenraizados muitas vezes de seus lugares de origem, cujo *devoir* lhes dá espessura e matéria. E ainda a rota do trágico que alimentará suas vidas, repletas de saúde e morte inexoráveis.

É em meio a esta situação (situação natural do homem) que o humor emerge de braços dados com o trágico. Para dar a este último a leveza necessária de que a boa literatura é feita.

Veja-se *Oriente, Oriente*. O livro conta as aventuras de Hiro Tanaka, um marinheiro desertor que foge do navio de bandeira japonesa Tokachi-Marú, atirando-se em águas americanas.

A importância de Hiro como personagem está no fato de que ele é filho de Sakurako Tanaka, uma jovem que na década de 60 adorava os grupos de rock, como Iron Butterfly (criador de uma obra-prima de 20 minutos intitulada “In Na Gadda Da Vida”), Greatful Dead (grupo de Jerry Garcia) e Doors, e que sonhava ter a sua própria banda. Foi talvez este sonho que a fez se apaixonar por um americano hippie, que desapareceu logo depois de engendrar Hiro, o qual por sua vez viu sua mãe morrer quando contava um ano de idade.

Mestiço (“um happa, um nariz comprido”), sofrerá as humilhações que os japoneses de raça pura impingem aos de raça fronteiriça. Sem dúvida, eles adoram judiar, surrar e expulsar os inferiores das escolas, os *burakumin* (os lixeiros), da mesma forma como fazem aos coreanos.

Com o tempo Hiro Tanaka tornou-se um fervoroso leitor de Yukio Mishima, o escritor japonês que se matou fazendo *hara-kiri*. Tornou-se conseqüentemente fervoroso leitor de Jocho Yamamoto (mestre de Mishima), de quem decorou profundas medi-

tações. Como estas: “Numa crise de vida ou morte, meio a meio, resolva-a pela morte imediata” (*Oriente, Oriente*, p. 84).

Munido com estas idéias contidas no livrinho *O Caminho do Samurai*, parte para os Estados Unidos, terra dos *cowboys*, de Donna Summer e Marvin Gaye, e do multiculturalismo. É lá que está o ideal, a Cidade do Amor Fraternal, onde os mestiços são sempre bem acolhidos.

Mas nada dá certo, obviamente. Hiro aparece saindo das águas assustado, nu e perplexo; como *Boudou, Saído das Águas* (um filme de Jean Renoir). Só encontra descanso e simpatia na habitação da judia sensual (que redundância) Ruth Dershowitz, uma escritora habitante da Casa de Tântatos — uma colônia de artistas — que desejará transformá-lo em personagem de uma de suas novelas.

A existência americana de Hiro é um conjunto de violências, incompreensões, egoísmos e narcisismos de todo tipo, envolvendo artistas, caixas de supermercados, negros e imagens de Clint Eastwood e Burt Reynolds.

E depois de todas as injustiças e perseguições, o pobre rapaz resolve seguir o caminho dos mestres samurais: o *hara-kiri* (o suicídio). Cravando a lâmina com força no estômago, rasgando para os lados rumo à morte grandiosa, a “Cidade do Amor Fraternal” e a América Prometida.

Em *Dr. Kellog e a Guerra dos Sucrilhos* o autor parece satirizar o inventor dos famosos *cornflakes*. Mas no decorrer do texto as coisas tornam-se mais complexas. T. Coraghessan Boyle cria livremente sobre a biografia de John Harvey Kellogg, genial médico vegetariano, inventor da pasta de amendoim, dos já mencionados *cornflakes* e de uma série incontável de outros alimentos naturais. Além disso, o grande doutor foi um dos primeiros, senão o primeiro, a criar a instituição do *spa* (o Sanatório de Battle Creek), em Michigan. Por onde passaram Johnny Weissmüller (o Tarzan mais famoso do cinema) e Henry Ford, o rei da indústria automobilística.

Todo esse pessoal famoso se submetia a tratamentos à base de eletricidade, abstinência sexual e sessões de lavagem intestinal.

Com elementos biográficos o autor consegue, de forma indireta, constituir uma das grandes intenções de *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann: diagnosticar a preocupação com a saúde como doença da civilização. Ou

ilustrar romanescamente o que certa vez diagnosticou Michel Foucault: “No futuro a saúde será a salvação”.

A salvação pela saúde é, ao longo de todo o livro, a preocupação do grande doutor. Entretanto aparece pelo seu caminho todo tipo de neuróticos e vigaristas, que fazem de sua vida um rosário de aventuras. Um bando de aproveitadores sonhando em ganhar dinheiro à sua custa. Um grupo de pacientes que foge do *spa* para beber, ou comer carne às escondidas. Ou (o que é bem pior) pacientes do sexo feminino atraídas para fora do sanatório por médicos (charlatães, sem dúvida) com monóculos, e pomposos nomes austríacos. Mulheres louquinhas por usufruírem as alegrias “terapêuticas” do amplexo erótico à beira de lagos verdejantes, longe dos olhos científicos e moralistas do rei da vida vegetariana, e longe também dos olhos obviamente ciumentos dos próprios maridos.

São estas dificuldades, estes acontecimentos tragicômicos que fazem do Dr. Kellog um personagem análogo a Hiro Tanaka, de *Oriente, Oriente*. Alguém que tenta realizar de uma forma ou de outra os mandamentos contidos nos sagrados livros éticos, que as pessoas carregam em suas quixotescas cabecinhas. Crenças que esses preceitos são a única forma de enfrentar os embates da vida.

São estas dificuldades as responsáveis pela exuberância escritural dos livros de Coraghessan Boyle. Pois este conflito geral de ordem profundamente ética engendra outros conflitos, principalmente de ordem erótica, que se misturam aos de ordem financeira etc. E todos estes elementos rodopiam na atmosfera escritural do texto, dando a ele leveza. Chegando a momentos em que o humor interfere significativamente:

“[...] O Dr. Kellog acabara de soltar uma bomba: havia entre eles um casal, proclamou, aprendizes do regime fisiológico, que haviam mantido relações maritais, apesar de sua proibição taxativa e deveriam sofrer as conseqüências — neste ponto ele fez uma pausa, os óculos fulgurantes de luz, para que a informação causasse o efeito desejado. Trezentos pares de olhos se fixaram nele quando ergueu o copo contra a luz como a dizer: eis aqui o suficiente para satisfazer todos os apetites animais do corpo humano, água e um punhado de grãos e

raízes, e trezentos pares de olhos acompanharam o trajeto do copo até seus lábios, e o delicado movimento fisiológico de seu pomo-de-adão ao esvaziá-lo [...]. Foi então que identificou os Lightbody na quinta fila, e divisou o verdadeiro tema daquela noite [...]. A enfermeira Graves o informou de que o Sr. Lightbody dera vazão à sua luxúria, abusando da esposa nervosa e quase prostrada” (*Dr. Kellog e a Guerra dos Sucrilhos*, pp. 193-4).

O autor faz do Dr. Kellog o rei dos gestos estudados e teatrais e um caprichoso manipulador dos efeitos retóricos que hipnotizam as platéias. Faz dele ainda um talento espontâneo para o marketing pessoal, reconhecendo-lhe a capacidade de criar climas e acontecimentos, além de carisma capazes de conduzir centenas para os caminhos intestinais das bem-aventuranças.

Todavia Coraghessan Boyle tem o seu lado Gustave Flaubert, pois seus personagens centrais têm um coração em que habita espiritualmente uma madame Bovary com seus pequeninos ideais românticos. Afinal, que outro autor influenciaria este final? “No dia 14 de dezembro de 1943, como seu inimigo C.W. Post já havia feito, John Harvey Kellog passou para a eternidade. Sim, ele morreu, é verdade. Mas alguém poderia pedirmos?” (*Dr. Kellog*, p.471).

Hiro Tanaka e John Harvey Kellog são como os personagens crepusculares das fitas de Sam Peckinpah, durões cuja dureza é divisar a eternidade através do fracasso — que é na verdade a essência da verdadeira vida. É no naufrágio (uma forma do fracasso) que a arte da natação mostra a sua verdadeira ineficácia perante o desespero da aproximação da morte.

Como em um poema de Jim Morrison, que descreve o momento no qual a arte da navegação fracassa perante a calmaria noturna do mar. Em que há a inexorável necessidade do capitão do galeão espanhol jogar ao mar o excesso de carga: vários cavalos árabes de puro sangue. Que perplexos, sob a luz da lua, vão morrendo um a um, espanadejando as magníficas patas inutilmente. Rumando eles também pitagoricamente para a eternidade.

Como seu ídolo Jerry Garcia, T. Coraghessan Boyle vê a morte como uma maneira tranqüila e radiosa de terminar as coisas (entre elas um livro bem humorado). A sempre agradável morte. *Greatful dead*.